

**MODERNISMO – 2ª. FASE
GERAÇÃO DE 30
(1930-1945)**

A segunda geração de autores modernistas será responsável pela consolidação das principais propostas apresentadas pelos autores da geração anterior. Entretanto, algumas formas de textos tradicionais, como o soneto, são retomados na poesia. No campo da prosa, prevalecerá o romance regionalista, que fará denúncia social e mostrará o ambiente hostil do interior do Brasil.

POETAS DA GERAÇÃO DE 30

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
(Itabira, MG, 1902 – Rio de Janeiro, 1987)



Drummond é considerado o maior poeta de toda a Literatura Brasileira. Sua obra é marcada por um ponto central: a idéia de “gauche”, que mostra um homem desajustado, em conflito com o próprio mundo e em busca de respostas que possam solucionar este impasse. O erotismo e a temática social também permearão seus poemas.

A visão negativista, o pessimismo e o lirismo contido são outras marcas registradas da poética drummondiana. Sua cidade natal, Itabira, também será eternizada em seus versos.

Obras principais: Alguma Poesia; Brejo das Almas; Sentimento do Mundo; A Rosa do Povo; Claro Enigma; Contos de Aprendiz; Fazendeiro do Ar; A Bolsa e a Vida; Lição de Coisas; Boitempo; As Impurezas do Branco; O Poder Ultrajovem; Amar se Aprende Amando; O Amor Natural.

Poemas:

QUADRILHA

João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém.

João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento. Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história.

NO MEIO DO CAMINHO

*No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra*

JOSÉ

*E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, Você?*

*Você que é sem nome,
que zomba dos outros,
Você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José? (...)*

POEMA DE SETE FACES

*Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.*

*As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.*

*O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus,
pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.(...)*

POLÍTICA LITERÁRIA

*O poeta municipal
Discute com o poeta estadual
Qual deles é capaz de bater o poeta federal.*

*Enquanto isso o poeta federal
Tira ouro do nariz.*

PROCURA DA POESIA

*Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
Há calma e frescura na superfície intacta.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
(...)
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra*

*E te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

CECÍLIA MEIRELES

(Rio de Janeiro, 1901 – Rio de Janeiro, 1964)



Cecília Benevides de Carvalho Meireles começou sua carreira na Revista Festa, em 1927. Essa revista foi um dos órgãos divulgadores do modernismo brasileiro na década de 20 e valorizava, sobretudo, a temática espiritualista, que mais tarde marcaria profundamente a obra da autora.

A temática histórica e social também estará presente em sua obra, especialmente no “Romanceiro da Inconfidência”, sua obra principal que recria a época do ciclo do ouro, em Minas Gerais, à época da Inconfidência Mineira.

Obras principais: Espectros; Viagem; Mar Absoluto; Retrato Natural; Romanceiro da Inconfidência; Vaga Música; Solombra; Ou Isto ou Aquilo.

Poemas:

MOTIVO

*Eu canto porque o instante existe
E a minha vida está completa
Não sou alegre nem sou triste:
Sou poeta.*

*Irmão das coisas fugidias,
Não sinto gozo nem tormento,
Atravesso noites e dias
No vento.*

*Se desmorono ou se edifico
Se permaneço ou me desfaço,
-não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.*

*Sei que canto e a canção é tudo
Tem sangue eterno e asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
-mais nada.*

A FLOR E O AR

*A flor que atiraste agora,
Quisera trazê-la ao peito;
Mas não há tempo nem jeito...
Adeus, que me vou embora.*

*Sou dançarina do arame,
Não tenho mão para flor:
Pergunto, ao pensar no amor,
Como é possível que se ame. (...)*

*Neste destino a que vim,
Tudo é longe, tudo é alheio.
Pulsa o coração no meio
Só para marcar o fim.*

VINÍCIUS DE MORAES

(Rio de Janeiro, 1913 – Rio de Janeiro, 1980)



No início de sua carreira, Vinícius de Moraes reproduziu uma das características literárias mais presentes na poesia da época: a temática espiritual. Porém, tal temática foi abandonada logo em seguida para dar espaço à mulher, ao erotismo, ao cotidiano em sua obra. A temática social também é retratada pelo poeta, como no imortal “Rosa de Hiroxima”, musicado nos anos 70 pelo conjunto Secos e Molhados.

Vinícius também fez incursões pela MPB, o que fez dele um dos consolidadores da Bossa Nova no Brasil, além de ter eliminado o preconceito, que existia até então, em relação ao samba.

Obras principais: O Caminho para a Distância; Forma e Exegese; Ariana, a Mulher; A Arca de Noé; Cinco Elegias; Orfeu da Conceição (Drama); Para uma Menina com uma Flor (Prosa);

Poemas:

SONETO DA SEPARAÇÃO

*De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.*

*De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.*